

## O SOFRIMENTO PSÍQUICO ENTRE HOMOSSEXUAIS NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA E LITERÁRIA

*Alex Ney Diógenes Almeida*

Pós-graduado em Orientação Educacional/UNIVERSO/RJ

[alex.ney@portugalmail.pt](mailto:alex.ney@portugalmail.pt)

### RESUMO:

Este artigo tem como assunto o sofrimento psíquico dos homossexuais, sendo uma tarefa árdua e delicada abordar tema de tanta relevância e polêmica. O mundo globalizado onde vivemos mudou vários conceitos, sobretudo, os conceitos da família e sua constituição. O objetivo deste estudo é abordar as questões oriundas da desmistificação de que o homossexual ou homoerótico - conforme é o termo escolhido para designar pessoas que mantêm relacionamentos afetivos com outras do mesmo sexo - de viver em constante sofrimento psíquico. Esse sofrimento que tantos psicanalistas insistem em infligir aos homossexuais são dúvidas e tormentos que corroem a alma de qualquer ser humano, em um dado momento de sua vida, não escolhendo, raça, sexo, cor, etnia, etc., basta que seja um ser humano e seja provido de razão para estar aberto a aflições e sofrimentos, assim como a alegrias e felicidade. Foram os vários os autores utilizados para a revisão bibliográfica que norteou a metodologia de pesquisa, inclusive o romance naturalista “Bom Crioulo” (1895) do escritor Adolfo Caminha.

**Palavras-chave:** Psicologia; Literatura; Homoerotismo; Sofrimento psíquico.

### ABSTRACT:

This article has as subject the psychic suffering of the homosexuals, is about an arduous and delicate task, to approach subject of as much relevance and controversy. The globalization world where we live changed some concepts, over all, the concepts of the family and its constitution. The objective of this study is to approach the questions deriving of the desmistification of that the homosexual - as it is the chosen term to assign people who the same keep affective relationships with others of sex - of living in constant psychic suffering. This suffering that as many psychoanalysts insist on inflicting the homosexuals is doubts and tormentos who corrode the soul of any human being, in data moment of its life, not choosing, race, sex, color, etc., are enough that it is a human being and either provided with reason to be open the afflictions and sufferings, as well as the joys and happiness. The authors used for the bibliographical revision had been the several that guided the research methodology, also the naturalistic romance “Bom Crioulo” (1895) of the writer Adolfo Caminha.

**Keywords:** Psychology; Literature; Homoerotismo; Psychic suffering.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a promover uma atualização de informações e levantar questionamentos sobre o tema Homossexualismo. Devemos considerá-lo doença? Em todos os casos? Apenas em alguns? É um sintoma? Um desvio da conduta sexual? Uma opção sexual? etc. Tentamos fazê-lo de uma forma sintética e abrangente, com restrições, na medida em que o assunto é muito polêmico, vasto, e muito se tem escrito com as opiniões mais conflitantes. Seguimos uma linha em que procuramos fazer uma conceituação de doença em geral e em psiquiatria, definir homossexualismo, fazer uma rápida retrospectiva histórica evolutiva, levantar sua etiologia através de fatores biológicos, psicológicos e socioculturais, mostrar a evolução da classificação do homossexualismo perante as organizações de saúde, tratamento-resultados, definir homossexualismo primário e secundário, dar um ponto de vista clínico-psiquiátrico e chegarmos a algumas conclusões e novos questionamentos.

Procura-se abordar o assunto com a mais completa isenção científica possível, não nos permitindo influenciar por pressupostos ou preconceitos sociais, culturais ou religiosos.

Por questões éticas, históricas, culturais e religiosas o antigo termo “homossexualidade” transformou-se em “homoerotismo”. O surgimento da expressão “homossexualismo”, ou ao menos o primeiro contato dela com a população, remonta do final do século XIX, sendo usada pela primeira vez por Charles Chaddock, quando traduziu o *Psychopathia Sexualis*, de R.von Krafft-Ebing. Sua primeira aparição foi no idioma alemão, em 1869, num panfleto anônimo, mas, seguindo o processo natural de secularização, a partir do século XIX, a característica antes existente de “sodomia, crime e pecado” imputada ao homossexualismo foi substituída por doença e patologia, que estabelecia a homossexualidade não merecia castigo, mas tratamento psiquiátrico ou, dentro do paradigma médico, cura<sup>1</sup>

A partir desse século (XIX) o termo então “homossexualismo” esteve vinculado a perversão, não somente física, mas também moral, razão pela qual os adeptos do termo “homoerotismo” optaram pela abordagem fenomenológica, distanciando-se do termo “homossexualismo”, que então se encontrava vinculado a preconceitos de toda ordem: socioculturais, jurídico e psiquiátrico. A questão sociocultural é latente, o sistema jurídico, por achar que o homossexualismo caracteriza o antijurídico e o sistema psiquiátrico por classificá-lo como uma doença mental<sup>2</sup>

Em suma, homoerotismo é uma das formas de expressão sexual. Por tratar-se de expressão, portanto, de opção, ou vontade do ser humano têm havido revisões de códigos jurídicos e científicos que classificavam a homossexualidade como anormal, ou então, como uma forma de doença mental. Dando vazão a esse entendimento, a Associação Americana de Psiquiatria retirou a homossexualidade da Lista de Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento, ou (CID-10) Classificação Internacional de Doenças (Mentais) CID 302.0, em 1973. Frisa-se, sob protestos

O caso do Bom Crioulo, romance de Adolfo Caminha, que causou um surto de indignação, que não se repercutiu em gritos ou críticas, mas simplesmente em silêncio, porque este surgiu como o rompimento de um segredo escondido sob as vestes dos uniformes brancos da marinha da brasileira, ou melhor, sob a moral, os bons costumes e a masculinidade dos homens das forças armadas, de uma forma geral.

O romance mostrou que o meio pode compelir o homem a agir contra a sua própria natureza (heterossexualidade) porém, se ele age diferentemente do previsto (homossexualidade), qual então seria sua verdadeira natureza? Ainda há incógnitas, pois até o advento da psicanálise, no final do século XIX, as crenças e teorias que tinham a pretensão de explicar o homoerotismo eram muitas, esforçando-se ao máximo para esclarecer os fatores determinantes da escolha homoerótica do objeto. As concepções que mais se fundamentaram, giraram em torno das causas biológicas: biogenéticas e hormonais, psicossociais e culturais.

Partindo deste ponto, é possível discorrer acerca do tema sem nenhuma inclinação para qualquer dos fundamentos que se projete e se diferencie entre psicanalistas e autores. A este trabalho somente compete a apresentação dos fatos e as hipóteses de causas e conseqüências, seguindo o próprio processo de amadurecimento do assunto, através dos séculos.

Portanto, este estudo tem como principal objetivo fazer uma explanação acerca da problemática do sofrimento psíquico do homossexual, demonstrando os aspectos inerentes no processo de desmistificação de que o homossexual ou homoerótico vivem em constante sofrimento psíquico, procurando, destarte, mostrar que os homossexuais têm problemas, dúvidas, medos, incertezas e anseios como qualquer outro ser humano e que tais sofrimentos independem da condição sexual do indivíduo.

Também visa fazer uma análise minuciosa das idéias Naturalistas, na literatura brasileira, das afirmações das idéias positivistas e cientificistas em voga no final do século XIX, no romance de Adolfo Caminha, intitulado "O Bom-Crioulo" (1895).

## 2 . PARADIGMA BIOLÓGICO E PSÍQUICO

Seguindo-se o paradigma biológico, o ser humano, assim como outras espécies – animais e vegetais – mostra uma constituição bissexual. Fato este que pode ser comprovado pelo exame de embriões humanos e pela própria constituição fisiológica do homem e da mulher. Isto é, em ambos há sempre um vestígio, por mais leve que seja do sexo do outro. O sexo predominante se modificou para tornar a seu encargo outras funções. Pela interferência de outros fatores, um dos componentes sexuais entra em processo de atrofiamento, enquanto o outro desenvolve-se normalmente, definindo o sexo do ser humano e também do animal, quando for o caso.

Quanto à bissexualidade dos animais, Pereira cita um estudo de Bruce Bagemihl que surpreendeu biólogos do mundo inteiro. Nesse livro, o autor narra os resultados da análise de 450 espécies, entre mamíferos e aves, sendo que todas são praticantes de hábitos homossexuais. A crença da biologia antes da pesquisa de Bruce, era a de que os animais só copulavam para reprodução. No entanto, após tal estudo surgiu uma nova concepção, a de que, apesar de não gerar descendência, o homossexualismo é parte integrante do dia-a-dia de uma gama enorme de espécies.

Têm-se então duas fases para a concepção de macho e fêmea: a orgânica e a psicológica. Ou seja, organicamente, o ser humano, ao nascer já tem seu sexo definido, porém psicologicamente, essa diferença leva mais tempo para ser concretizada, que seria o mesmo que dizer que o sujeito traz em si as potencialidades de organizar-se no sentido da subjetividade, masculina ou feminina. Sob o ponto de vista freudiano, não existe inconsciente, nem feminino, nem masculino. Essa diferença só será visível com a vinculação do menino ou da menina no contexto cultural.

As escolhas e relacionamentos afetivo-sexuais se perdem no tempo, disseminadas entre as mais diversas culturas e influenciadas pelos mais diversos fatores sociais, marcando distintamente a estrutura das relações subjetivas de tais escolhas. A cada novo tempo, novas leis e desejos são produzidas.

## 3. A TEMPORIZAÇÃO DA SEXUALIDADE

Nas sociedades primitivas, cada tribo tinha sua própria concepção de vida afetivo-sexual. Essas concepções alinhavam-se às crenças e mitos, tanto em relação ao nascimento das crianças, como nos poderes mágicos do sêmen que iniciavam o jovem a práticas heterossexuais e rituais de iniciação homossexual. Desse modo a subjetividade dos corpos foram tecidas dos mitos e rituais sagrados, dos desejos e interdições, e das construções sócio-econômicas.

Assim, em certas tribos indígenas, conforme descrito por Darcy Ribeiro, quando um índio via uma índia Mairum preparar-se para expulsar o feto, o mesmo começa a se contorcer e sentir as dores. O resultado é que ele ficava de resguardo, enquanto a mulher – a real parideira – voltava ao trabalho normal.

Deve-se ressaltar que o índio brasileiro tem fama de preguiçoso, portanto esta seria a oportunidade perfeita para que o mesmo ficasse na rede, por quarenta dias, sem fazer absolutamente nada, e ainda sendo bem alimentado, como se realmente houvesse dado a luz à uma criança.

Spencer, em *Homossexualidade: uma história*, narra os costumes das tribos Marind e Kiman, onde a masculinidade é adquirida e depende de rituais culturais, não bastando, portanto, os elementos anatomobiológicos. Nessa concepção, todo menino para se tornar homem forte e também guerreiro, deve passar por um ritual oral, de felação, que simboliza a “introeção do significante do poder, da força e da inteligente estratégia de guerra”.

Todo menino, passada a infância, era separado da mãe e tirado da casa das mulheres, para dormir com o pai na casa dos homens. Aos primeiros sinais de puberdade, o tio materno era designado para penetrar o menino analmente, fornecendo-lhe dessa maneira esperma que o tornaria forte. Os meninos permaneciam nessa fase por cerca de três anos<sup>3</sup>.

Como dito no texto introdutório, nos limitaremos apenas a narrar os dados encontrados durante a pesquisa, por mais aberradores que nos possam parecer.

Nas tribos africanas a identidade sexual é concebida num espaço coletivo desejante, sócio-religioso e político, e a construção dessa identidade subjetiva, é feita a partir de rituais de iniciação, que representa o suporte simbólico de elaboração do masculino e do feminino próprios de cada sociedade.

### 3.1 Sexualidade na antiguidade

Particularmente nas cidades da Grécia e de Roma, a exaltação da virilidade e o culto ao corpo não deixam dúvidas quanto às múltiplas escolhas amorosas. Essas demonstrações estão presentes na modernidade através da arquitetura contemporânea, gravuras, pinturas, peças de teatro, entre outras artes que revelam as múltiplas subjetividades.

Para a civilização grega, o órgão sexual masculino era um mito, visto como um símbolo de força e produtor da vida, um *falo*, um símbolo de proteção, segurança, poder, fertilidade e completude do desejo sexual. O amor entre dois homens nesta civilização era freqüente e visto sem nenhuma estranheza, revelando o reflexo da própria natureza bissexual narcísica descrita por Freud:

[...] nos gregos, entre os quais os homens mais viris figuravam entre os invertidos, está claro que o que inflamava o amor do homem não era o caráter masculino do efebo, mas sua semelhança física com a mulher, bem como seus atributos anímicos femininos: a timidez, o recato e a necessidade de ensinamentos e assistência. [...] Nesses casos, portanto, como em muitos casos, o objeto sexual não é do mesmo sexo, mas uma conjugação dos caracteres de ambos os sexos, como que um compromisso entre uma moção que anseia pelo homem e outra que anseia pela mulher, com a condição imprescindível da masculinidade do corpo (da genitália): é, por assim dizer, o reflexo especular da própria natureza bissexual.

Norteando-se pela história antiga é comprovadamente natural que um homem viril, másculo, e agressivo por natureza tenha como parte de sua natureza, a bissexualidade. É possível afirmar então que, estas duas vias do sexo está dentro de cada e de todo ser humano, o que rechaça a prática deste é a cultura, que permite ou proíbe a exposição de tais sentimentos.

### 3.2 Sexualidade na Idade Média

No período medieval, novos valores, costumes e subjetividades giravam em torno da afetividade/sexualidade gerados a partir das doutrinas patrísticas. Todos esses ensinamentos induziam ao desprezo ao corpo e à sexualidade, que se misturavam à racionalidade dos filósofos da Antiguidade, com forte inclinação ao estoicismo e ascetismo.

Nesse período teve primazia a vida matrimonial casta, produzidas sob fortes influências psicossociais, culturais, econômicas e, sobretudo religiosas. O enfoque era na união afetivo/sexual entre homem e mulher, seguida do desejo de procriação. O casamento, além destes atributos ainda servia como prevenção aos pecados da incontinência. A Idade Média admitia o sexo apenas como procriação e em favor do reino de Deus.

Entretanto, a própria igreja, idealizadora e radicalizadora do sexo que não fosse para fins de procriação acabou por reconhecer em seu próprio seio diferentes interstícios para deixar fluir outras subjetividades, conforme demonstra Leers:

[...] na Idade Média a diversidade de quadros culturais ocidentais e a seqüência das épocas não fazem esperar uniformidade estável dos costumes em redor do sexo e vida casada. Enquanto a literatura clerical demonstra uma continuação bastante segura das mesmas normas, proibições e argumentos, o *ethos* popular, conjunto de padrões de conduta sexual dos povos, apresenta uma imagem bem mais complexa e variada de tabus e tolerâncias sociais

Quando a religião e religiosos – não necessariamente a católica – não consegue explicar aquilo que foge ao seu controle, normalmente apela para o “livre arbítrio”, hoje, mais modernamente se apela para a “mudança de energia”. Assim foi na Idade Média, que deu um novo significado à expressão “sodomia”, que durante anos serviu como designação para uma série de atos sexuais desaprovados pela Igreja, tornando-se arma fundamental do arsenal homofóbico.

A idade média foi um período de grandes conturbações de todos os gêneros. No seio das igrejas, dos conventos havia uma reação latente contra o padrão único de relacionamento afetivo, e foram justamente nesses lugares que a múltipla subjetividade encontrou ressonância, conforme pode ser visto nos estudos de Yale John Boswel, citado por Cozzens:

[...] desde o início da Idade Média, isto é, por volta do ano 500, até o fim do século XII, a Igreja proporcionou a homens e mulheres homossexuais um abrigo seguro durante um período especialmente caótico e perigoso. Esse abrigo era a vida religiosa.

Continua Boswel:

A vida religiosa celibatária oferecia às mulheres um modo de escapar das conseqüências o casamento [...]. Ela proporcionava a ambos os sexos um meio de evitar papéis sexuais estereotipados. [...] É razoável sob estas circunstâncias, acreditar que o sacerdócio e as comunidades religiosas teriam exercido uma atração particular sobre os homossexuais [...] de fato, lésbicas e gays nem precisariam de uma motivação espiritual para se associar a uma comunidade unissexual de iguais.

### 3.3 A Sexualidade na modernidade

Já na Renascença, com a mudança da mentalidade da sociedade ocidental, deu-se o surgimento da subjetividade individual, através da rígida moralidade sexual proporcionada pela reforma protestante, pelo Estado Moderno, pelo paradigma científico racionalista e positivista e também pelo modelo econômico industrial capitalista.

O novo modelo surgido a partir dos séculos XVII e XIX trazia a promessa de um homem transformado dentro de si mesmo, já que este se encontrava liberto do império das idéias religiosas e do sistema feudal. Esse contexto criou o homem universal com razão (raciocínio).

Esse período, mais notadamente o século XIX, foi marcado por grandes revoluções, no mundo do trabalho, no sistema econômico e social, e como não poderia deixar de acontecer criou-se um novo homem, através da ascensão do capitalismo, do endurecimento das doutrinas calvinistas sobre a moral sexual. Foi também foi neste cenário que surgiu uma grande onda homofóbica, explicada pela necessidade de poder do sexo masculino. O homoerotismo era implacavelmente combatido neste

período da história.

Nessa ocasião surge o paradigma médico, ou melhor, ganha relevância, e os psiquiatras positivistas enquadram a sexualidade no suporte biológico, procurando na constituição genética do indivíduo a determinação das inclinações homossexuais.

Esta estigmatização patológica teve repercussões negativas na cultura moderna, pois os discursos apenas mudaram de lugar, ou seja, saíram da esfera única da igreja para a área científica e jurídica. Desse modo, surgiram as mais diversas definições e teorias com intuito de explicar a homossexualidade, sua nosologia, diagnóstico e prognóstico.

### 3.4 A Sexualidade na Pós-Modernidade

A partir do início dos anos 80 rompe uma nova era de idéias, com padrões e comportamentos culturais e político-econômicos totalmente inovadores, abriu-se um espaço maior para o saber, principalmente o saber da natureza, do feminino, do masculino, do homoerotismo, do celibato, etc.,

Esse período, no entanto, é ambivalente, complexo e preocupante. De um lado as visões globalizantes que se esfacelam levando consigo o indivíduo desprotegido e entregue a si mesmo. Há uma profunda decepção diante dos símbolos e dos discursos vazios, espalhando, segundo Pereira, um único parâmetro “A lei de Gerson”, ou seja, a lei do mais forte, ou mais esperto. Não há mais referências totalizantes e momentos históricos definidos que pudessem funcionar como agentes auxiliares à escolha de gênero e sexo.

Toda essa revolução, que aliás, é o que o homem presencia ainda hoje, é uma falta de parâmetro ou um referencial do certo e do errado. O ser humano decide o que ser, a partir de um ponto pré-definido, se ele não tiver esse apoio ele não terá como e para onde projetar.

Nesse prisma o movimento político os homossexuais tornaram-se alvo fácil para o setor de bens e serviços de alto valor agregado, desviando-os da luta real do movimento homoerótico, conforme explica Michael Pollack:

[...] durante a década de 60, a liberação provocou uma explosiva comercialização do sexo. Ao lado da multiplicação de bares, cinemas e saunas, observa-se o desenvolvimento da imprensa homossexual, da pornografia e de uma indústria de *gadgets* e acessórios sexuais que vão dos brinquedos de couro, anéis e sexo e cremes, aos *poppers* (vasodilatadores usados como afrodisíacos)

No entender de Trevisan, o custo da liberação homoerótica é muito alto, pois o foco do interesse se concentra, sobretudo, abaixo da cintura, ignorando o restante da capacidade humana. Trata-se, portanto, de um controle social menos aparente e mais sofisticado: só se pode ser homossexual na fronteira exata que abrange o sexo. Em outras palavras, ser homossexual reduz-se, lamentavelmente, a fazer sexo. [...] Basta um passeio em qualquer ambiente *gay* para se entediar com o desfile de *barbies* depiladas, exibindo a mesma virilidade teatralizada e músculos artificiais a partir da ingestão de doses maciças de hormônio masculino e do culto à academia e ginástica, valores tomados como superiores e absolutos.

Nesse contexto da pós-modernidade, para a psicanálise, a vida sexual é uma relação entre o que é permitido e o que é proibido: o desejo e a lei. Toda cultura produz múltiplas subjetividades (visto em tópicos anteriores), construções linguísticas de si mesmo e do outro a partir de infinitas redes de crenças e desejos. São respostas da linguagem cultural, segundo Ferreira, que fazem frente ao desejo e à interdição, quais sejam: imagens, representações, saberes e narrativas que espelham aspirações de prazer, de dor, de vergonha, de juízo, de temores, de felicidade, de aflição e de infinitos não ditos.

#### 4. HOMOSSEXUALISMO NA PSICANÁLISE

Não há verdade absoluta acerca da homossexualidade. Tanto o é que a psicanálise não ambicionou ocupar o lugar da verdade sobre tais mistérios. Sua função é contribuir para o desvendamento do mecanismo psíquico de sua formação. O grande avanço da psicanálise está na oposição em segregar os homossexuais a um grupo de má índole, doente, pernicioso e diabólico, como era nos tempos mais remotos.

##### 4.1 Formas de sofrimento psíquico presentes no homoerótico

Foi perguntado ao psicanalista Jurandir Freire Costa, em entrevista, se havia uma forma típica de sofrimento psíquico comum a todos os homoeróticos. Pergunta esta que ele respondeu nos seguintes dizeres:

Eu diria que não. A única forma de sofrimento que é comum a todos os sujeitos homossexuais é aquela que vem de causas externas, do preconceito, da discriminação e das dificuldades que isso traz para os que são discriminados.

A essa resposta, a entrevistadora, que também é psicanalista, argumentou que a própria psicanálise afirma que as neuroses são formas de sofrimento psíquico, que se organizam em torno da sexualidade. Desse modo, na medida em que Freire afasta da homossexualidade, um sofrimento que seria só dele, ele estaria então derrubando uma teoria freudiana relevante.

Freire explica que as neuroses, denominadas de sofrimento psíquico, estão, sob as vistas da psicanálise relacionadas à sexualidade, porém não em sentido estrito, como a homossexualidade, por exemplo. Ao contrário, esse sofrimento ao relacionar-se com sexo, é muito mais abrangente, não se restringindo apenas à genitália e ao objetivo de reprodução. O argumento de Freire é que as pessoas acham que todo ser humano que se envolve emocionalmente com pessoa do mesmo sexo seja neurótica ou perversa, portanto com traços doentios. Ao contrário, há uma diversidade de formas de sofrimento neurótico, não só entre homossexuais, mas também, entre heterossexuais. Se o sofrimento psíquico se desse somente entre os homoeróticos, então todos os heteros seriam normais? Ou seriam ambos neuróticos de um mesmo tipo?

##### 4.2 Processo de aceitação

O processo de aceitação da homossexualidade própria é um desafio dos mais árduos, partindo do ponto de que ser *homo* ou *hetero* não é uma questão de escolha pessoal. Ao contrário, a diferença existente entre os sexos, encontra-se fundado na cultura de cada povo. A grande verdade demonstrada em muitos estudos sobre homossexuais, infelizmente, em sua grande maioria revela, homossexuais que não se enquadram na definição de Costa, ou seja, de que não se escolhe ser ou não homossexual, e às vezes sim, pode-se escolher.

#### 5. HOMOEROTICIDADE E PROMISCUIDADE

A partir da década de 70 e 80 os homoeróticos passaram a enfrentar um outro inimigo, talvez até mais feroz do que a própria moral burguesa que os excluía e os rotulava como “transgressores da norma”. – o HIV – Porém, esse risco de contágio, ou melhor, os critérios morais e psicológicos de diminuição desse risco são meramente circunstanciais, isto é, de momento. Não há um hábito comum entre todos os homossexuais na questão de uso de preservativos. Cada qual escolhe o que fazer e como fazer para diminuir tais riscos. Por outro lado, do mesmo modo como ocorre nas relações sexuais heteros, há casos mais dramáticos, onde, em nome do romantismo, os parceiros preferem correr o risco do contágio letal, em vez de abrir mãos da promessa de realização afetiva, prazer este que a “camisinha” lhes tiraria. Freire sintetiza assim: *Se é para viver uma vida sem satisfação afetiva (nos moldes do amor romântico); se eu encontro alguém e a desconfiança quanto à saúde dele pode colocar em risco o meu*

*ideal de afetividade, prefiro correr o risco de morrer.*

Quantas vezes não ouvimos um homossexual, após ter sido infectado por seu parceiro dizer que a AIDS é como um filho que se estava esperando do parceiro. E quantos hetero não trazem na ponta língua a célebre frase: “Eu só transo com mulheres limpas”. Geralmente se ouve isso de sujeitos metidos a “garanhões” que se gabam de conquistar mulheres casadas, que aproveitam as tardes monótonas propiciadas pelo casamento, mas fazer “algo diferente”. A não ser que o “garanhão” exija e também exponha exames médicos dos últimos três semestres não é possível dizer que “está limpo”, ou que saia com “mulheres limpas”. Limpa é uma expressão muito relativa.

A AIDS ou outras doenças sexualmente transmissíveis não é um privilégio de homossexuais, a comunidade hetera também está vulnerável a tais comorbidades. Na realidade tais doenças estão relacionadas com a promiscuidade, mesmo que esta não seja exagerada.

Contudo a relação sexual embasada no fator econômico é um destes problemas. O estudo apresentado por Tarquette *et alli*, voltado para a área da saúde, mais estritamente à detecção de DSTs em adolescentes, relatam que a maioria dos entrevistados tem relações homossexuais por dinheiro, se não tem no momento, o início de seu relacionamento com o mesmo sexo se deu de tal forma. A prostituição foi o fato que mais chamou a atenção dos pesquisadores durante o estudo, as quais o grupo descreve:

Nossa população adolescente, em situação social e econômica desvantajosa, com poucas chances de ascensão social e de sobrevivência, tem os mesmos desejos de consumo que os de classes mais favorecidas. Esta condição social pode levar tais jovens à prostituição e/ou tráfico de drogas para obter seus objetos de consumo. [...], estes mesmos adolescentes tornam-se alvos de homossexuais mais velhos que provavelmente encontram neste grupo social um maior acesso à realização de seus desejos sexuais.

Referimos-nos a adolescentes que iniciam a carreira homossexual, mas, como um formigueiro em constante produção e reprodução, para cada novo homossexual já existe um ou mais outros que os inserem a esta prática.

## 6. O HOMOEROTISMO NA LITERATURA

Em “Bom Crioulo” obra escrita por Adolfo Caminha não se deve desprezar a hipótese de que o homossexualismo de Amaro se inicia, por dois motivos, também apontados no estudo de Tarquette *et alli*: a promiscuidade e a baixa condição sócio econômica, e as tantas outras conseqüências advindas destes dois fatores sociais.

O romance gira em torno do relacionamento homossexual entre dois marinheiros, Amaro e Aleixo. Amaro é um forte homem negro de boa índole que, fugindo da escravidão, entra na Marinha. É nesse momento que este conhece Aleixo, um jovem grumete branco e frágil. Apesar do romance existente entre os dois homens, Aleixo envolve-se com uma prostituta portuguesa chamada Carolina, despertando assim a ira de Amaro, o qual, ao término da obra, mata Aleixo no meio da rua tendo vários transeuntes como expectadores.

O homossexualismo é um tema presente em algumas obras do período naturalista, em geral abordado como um desvio comportamental proveniente de uma mente com propensões para alguma compulsão ou patologia. Oportuno lembrar que em geral, dadas as justificativas de ordem determinista defendidas pelo naturalista, patologias e desvios comportamentais são associados a fatores como o da “raça”. Vide o caso de Amaro, o *Bom- Crioulo*: não foi à toa que na obra houve um assassinato cometido por um homem negro e homossexual.

Supostamente Caminha deva ter inserido Amaro na Marinha pelos mesmos motivos que os religiosos homossexuais tenham se colocado sob a proteção da igreja. A Marinha, muito mais que qualquer arma, mantém o homem isolado de suas famílias. O próprio tipo de trabalho é mais árduo, pois

o homem está no mar, cercado por um chão de água, no qual ele não pode caminhar, portanto um cenário onde só os bravos sobrevivam. Talvez, a figura ativa e forte dos membros da Marinha tenha sido o esconderijo perfeito para a homossexualidade de Amaro, e de tantos outros mais marinheiros.

Entretanto, no decorrer do romance, o autor, alude mais de uma vez às condições de aglutinamento e conseqüente promiscuidade própria do próprio ambiente, induzindo o leitor a acreditar que o meio e as facilidades por ele proporcionadas é que produz o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo.

Sob este prisma, estamos diante de duas hipóteses. O indivíduo já tem tendências homossexuais, por isso procura um lugar onde só existam figuras tidas como “machos”, pois assim estariam sob a proteção da maledicência e do preconceito, além é claro, da proteção, pois assim como a Igreja, as Forças Armadas também tratariam de abafar qualquer fato nesse sentido. Ou, numa segunda hipótese, o sujeito ao adentrar para este ambiente, é heterossexual, porém os meios fornecem-lhe condições para a prática do homossexualismo.

Nesse romance há todos os ingredientes fornecidos pela psicanálise para explicar o homoerotismo, que pode ser detectado na aglutinação de pessoas do mesmo sexo em um mesmo lugar, além, é claro, da ausência de alguma figura humana afetiva, particular a cada uma das pessoas humanas presentes naquele cenário: um navio da marinha.

Observa-se no romance, logo no primeiro dos doze capítulos, quando se apresenta o marinheiro Amaro apelidado de o “Bom Crioulo”, com seu corpo "colossal" e um "formidável sistema de músculos", o narrador menciona "a morbidez patológica de toda uma geração decadente e enervada". Não se fala de decadência relacionada ao fenótipo de Amaro, mas sim ao ambiente. De fato, o romance se inicia com a tortura que um oficial inflige a seu assistente, diante de toda a tripulação e de outros marinheiros. Esse assistente por sua vez é, o “Bom-Crioulo”. Tais torturas são para corrigir delitos que incluem, inclusive, a masturbação.

Desta forma, a personagem de Amaro é criada sobre a beleza e a dor (mas também sobre a obscura beleza e prazer da dor): como na cena a seguir:

Bom-Crioulo tinha despido a camisa de algodão, e, nu da cintura pra cima, numa riquíssima exibição de músculos, os seios muito salientes, as espáduas negras reluzentes, um sulco profundo e liso de alto a baixo no dorso, nem sequer gemia, como se estivesse a receber o mais leve dos castigos.

De outra forma, a "fisiologia" e as condições sociais das três personagens que dão evolução à ação, são diversas (há uma mulher envolvida na trama, que é o pivô do triste desfecho da história): Bom-Crioulo é um escravo "fugido", refugiado na Marinha; Aleixo, o outro marinheiro, adolescente, loiro, oriundo do sul do Brasil, filho de pescadores catarinenses que se alista na referida Arma. No navio conhecerá a inesperada paixão que Bom-Crioulo lhe devota.

Segundo Luís Caballero Caminha construiu em “O Bom-Crioulo” um romance de forte conteúdo erótico (não "pornográfico", segundo o equívoco deslinde que se costuma fazer, e ainda se no Brasil, que chegava ao século XX, já existisse literatura homoerótica "pornográfica"), e é evidente que tampouco lhe escapava a "gravidade" do tema, que o autor aborda com detalhes mais de conhecedor que de "cientista".

Em *Bom-Crioulo* a própria sucessão dos segmentos narrativos é mais própria do romance erótico que do "naturalismo". Contudo, Caminha, homem de forte militância política, tem a paixão como núcleo de seu relato assim como a estética do erotismo, e o "meio" torna-se demasiado descuidado para um romance que de maneira retórica se submete à escola naturalista. É a paixão, na estética literária, sempre "universal", e, desta forma, no fechado universo de *Bom-Crioulo*, que merece muita atenção para que possa entender os signos políticos do "meio", a ponto de vacilar se deve situá-lo no final do Império – onde ele realmente se situa - ou já na República, depois de 1889. Esta vocação "universal" do relato, ou

seja, a paixão, própria da estética erótica, também se manifesta na "universalidade" do homoerotismo apresentado: quase todas as personagens, de marinheiros a oficiais, praticam o homoerotismo, ou o praticaram, ou discursam sobre ele com uma benevolência inesperada .

Não se pode descartar, entretanto, que o romance foi uma vingança contra as Forças Armadas, e que o mesmo surgiu como forma de denúncia do ambiente cruel e brutal enfrentado pelo homem comum. E este ambiente Adolfo Caminha conheceu bem.

Além da denúncia dos fatos ocorridos na Marinha, o autor ainda retrata trechos da vida urbana do Rio de Janeiro, no intuito de apresentação de uma denúncia social – típico do Naturalismo/Realismo. Desta forma, o autor mostra a vida miserável de habitantes em situação de exclusão social.

“O Bom Crioulo”, além da denúncia social, traz um tema para discussão, que é a questão da prisão de homens comuns por correntes que nem sempre são visíveis aos olhos, mas visíveis à alma. O isolamento e o "amontoamento de homens", além de seu momento histórico e de suas tendências físicas e morais, era o ambiente ideal, não só no âmbito social, mas também no biológico para permitir tal promiscuidade. "E consumou-se o delito contra a natureza. Esse delito contra a natureza trata-se da relação sexual entre dois homens, que não é natural, ou que ao menos não é o praticado pela maioria de homens e mulheres.

Bem se sabe que mesmo numa vida um pouco mais folgada, sem ajuntamento de corpos, mas em reclusão pode trazer as mesmas conseqüências que uma vida militar - a vida religiosa por exemplo.

Mesmo o autor, tratando do homossexualismo como anomalia, o personagem trata o assunto como uma força da natureza, "que pode mais que a vontade humana".

De qualquer modo estava justificado perante sua consciência, tanto mais quanto havia exemplos ali mesmo a bordo, para não falar em certo oficial de que se diziam cousas medonhas no tocante à vida particular. Se os brancos faziam, quanto mais os negros! É que nem todos têm força para resistir: a natureza pode mais que a vontade humana.

## 7. METODOLOGIA

Numa discussão metodológica se faz necessário uma exposição epistemológica. Esta, por sua vez, deverá tornar explícitas as raízes teóricas que a definem, como se entende no método o processo de conhecer, ou seja, as relações que unem e opõem ao mesmo tempo um sujeito que conhece e um objeto que se conhece.

A metodologia deste estudo está centrada na pesquisa e coleta de informações de ordem teórica viabilizada, portanto, através de levantamento bibliográfico.

Segundo o autor Severino (2002, p.130), o trabalho metodológico está sendo concluído com a realização de estudo por meio de pesquisa bibliográfica (artigos de livros científicos e revistas) referentes ao tema focado.

Portanto, a pesquisa bibliográfica foi elaborada por meio da consulta a diversos títulos de autores variados, procurando assim um melhor embasamento teórico para a pesquisa, buscando idéias e linhas de pensamento diversificadas, para o enriquecimento e melhoria do embasamento da pesquisa.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o presente trabalho, levando-se em consideração a bibliografia pesquisada sobre o tema e considerando também a opinião pessoal, pode-se chegar a algumas conclusões:

Os trabalhos e pesquisas que visam descobrir uma etiologia orgânica para a homossexualidade

são, de um modo geral, contraditórios em seus resultados e questionáveis, quanto à metodologia científica utilizada.

A homossexualidade não se enquadra no modelo médico proposto para caracterizar uma doença. É posicionamento de alguns autores que o homossexual pode conviver socialmente tão bem quanto os heterossexuais e que muitos convivem muito bem com sua condição sexual. Exemplos temos disso através de personalidades nos meios sociais, intelectuais, artistas, etc., que são homossexuais e afirmam sentir-se bem com sua homossexualidade; sem contar com a grande maioria dos homossexuais que na realidade, nem a sociedade sabe que são homossexuais e que levam uma vida comum, semelhante à dos heterossexuais, com desempenho, realizações e anseios semelhantes.

Para a sociedade, o termo homossexual é abrangente, e sob ele, a mesma tenta incluir ou associar outras condições, tais como: voyeurismo, sadomasoquismo, pedofilia, fetichismo, travestismo, transexualismo, personalidades psicóticas, posturas efeminadas, etc., que nada têm a ver com o homossexualismo em si, cuja consciência do gênero e do sexo real estão preservadas e cuja vivência de sua genitália é adequada e lhe traz prazer.

Assim sendo, sempre nos depararmos com homossexuais que têm um adequado desenvolvimento psíquico, condições adequadas biológicas, com um bom entrosamento cultural, profissional, social e que se sente bem, sem conflitos com relação a sua homossexualidade.

É relevante enfatizar que o breve percurso através da história, nos cenários onde estiveram presentes dados acerca do homoerotismo verificou-se que a prática do homossexualismo nas civilizações mais antigas não era considerada desvirtualização da moral e dos bons costumes, ao contrário, fazia parte dos mitos, das lendas e tradições de muitos povos.

No romance “Bom Crioulo” de Adolfo Caminha, levando-se em conta o exposto, é possível concluir que não se detecta no personagem nenhuma anormalidade rotulada como “sofrimento psíquico” que tenham sido experimentadas por Amaro ou por Aleixo. Com exceção de suas indagações dos motivos pelos quais não conseguia se interessar pelo sexo oposto, Amaro nada tinha de diferente de um heterossexual, cercado de todas as aflições que atormentam a alma humana.

Realmente, Amaro não conhecia outro sexo que não fosse com homens. Sabia da existência de sexo com mulheres, porém não o havia experimentado, portanto, o que ele esperava dele mesmo subjetivamente estava cumprido, isto é, nunca se interessou pelo sexo oposto – o que seria natural – mas se interessou por uma pessoa do mesmo gênero e foi correspondido. Desse modo, segundo sua consciência, ele estava agindo de forma correta, já que o único parâmetro que ele possuía era apenas aquele, e, conseqüentemente aquele modo de agir era o correto, na sua subjetividade.

Quanto ao fato de Amaro ter cometido homicídio contra Aleixo, não se pode atribuir tal fato à homossexualidade do mesmo, visto o romance se tratar de uma denúncia social, como era bem próprio dos romances Naturalistas. A certo é que Caminha tanto quis atacar as forças armadas que o afastou, como quis imputar à sociedade um preconceito de raça e de cor. Trata-se, portanto, de uma denúncia-ataque cuja arma foi um “negro” e que além de negro, ainda era homossexual: dois arquétipos insustentáveis para a sociedade da época.

Em suma, Amaro era bem resolvido com sua homoeroticidade, não tendo absolutamente nenhuma tendência aos tais sofrimentos psíquicos que a psicanálise tanto teima em infligir aos homossexuais e que a maioria dos autores, não aceita essa hipótese.

A narração do romance Bom Crioulo, datado de 1895, é feita na terceira pessoa, e tem como protagonista o jovem Amaro, negro escravo, homem forte e de boa índole, mas de espírito fraco que foge da escravidão e se embrenha na Marinha. Onde conhece Aleixo, grumete que atrai o bom crioulo por ser exatamente o oposto, branco e frágil.

Contudo, o jovem também corresponde ao ápice afetivo da portuguesa Carolina, uma prostituta, que nunca havia conhecido o amor desinteressado e é atraída pelo espírito infantil do rapaz branco, com olhos azuis e puros.

Em solo firme, Dona Carolina transpõe sua personalidade reprimida, amando-o como mulher e como mãe, uma vez que não tivera a oportunidade de gerar filhos.

O ciúme, contudo, interfere nesse singular triângulo amoroso, fazendo Amaro agir irracionalmente, como um animal diante do instinto selvagem, destruindo a sua única razão de ser e de viver.

Nesta história de paixão e morte, ambientada em grande parte no mar, raríssimas são as cenas que não fazem jus à realidade. E o tema – a perversão sexual entre marinheiros – é tratado de um modo ousado e chocante, com o rigor de observação ditado pela época. Trata-se de uma humanidade miúda, a que comparece neste romance; sombria, pelas suas misérias; trágica pelo seu destino.

No romance “Bom Crioulo”, o leitor pode sentir a presença do destino na gente rudimentar e grosseira, que habita a narrativa: desde Amaro, cuja força física faz contraste à depredação moral, até Aleixo, concebido como fraco, e Carolina, que possui ao mesmo tempo, as duas personalidades.

Logo, “Bom Crioulo” resulta, dessa forma, em romance de teses e debates psicológicos. Tudo nele caminha numa ordem inalterável até o epílogo, com uma supervalorização do instinto sobre os sentimentos, do animal sobre o racional.

Portanto, vale frisar que inúmeras são as questões a serem analisadas acerca da homossexualidade e existe a necessidade de um aprofundamento maior nas investigações científicas com relação ao tema. Entretanto, este estudo não teve a pretensão de trazer respostas definitivas quanto a temática do sofrimento psíquico do homossexual, que é polêmico e inesgotável, mas sim, fazer uma abordagem geral do mesmo na medida do possível, levantando novos questionamentos, justamente com o intuito de despertar a curiosidade dos profissionais para desenvolver tais pesquisas.

## 9. REFERÊNCIAS

BAGEMIHLE, Bruce. **Biological exuberance – Animal homosexuality and natural diversity**. Nova York: Sta Martin’s Press, 1999.

BOSWELL, J. **Homosexuality and Religious Life: A historical Approach**. In: GRAMICK J. (org.) *Homosexuality in the priesthood and religious life*. New York: Crossroad., 1989 p.9 apud COZZENS.

CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. São Paulo: Ática, 1983.

COSTA, JF. **O referente da identidade homossexual**. São Paulo: Gente, 1996.

COSTA, RP. **Os Onze sexos**. São Paulo: Gente, 1994.

COZZENS, DB. **A face mutante do sacerdócio**. São Paulo: Loyola, 2001.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago (Ed. Standard bras. das obras psicológicas completas), 1997 p.23.

GREEN, James N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo, UNESP, 2000.

KEHL, Maria Rita. **Revista Teoria e Debate**. n.18 Maio/julho/agosto, 1992.

LEERS, B. **Homossexuais e Ética Cristã**. Campinas: Átomo, 2002.

PEREIRA, Willian César Castilho. **A formação religiosa em questão**. Petrópolis: Vozes, 2004.

RIBEIRO, Darcy. **Os Brasileiros – Teoria do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1976.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SPENCER, C. **Homossexualidade: uma história**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TARQUETTE, Stella R.; VILHENA, Marília M.; SANTOS, Úrsula P. P. dos. e BARROS, Mônica M. V. de. **Relatos de Experiência Homossexual em adolescentes masculinos**. Revista Ciência e Saúde Coletiva, 10 (2), 2005.

TREVISAN, J. S. **Devassos do Paraíso**. 2000. Rio de Janeiro: Record, 2000.